

# Adaptação escolar e conflitos

Fundamental é a boa relação da família com a escola

MARIA REGINA PEREIRA

Após as primeiras semanas de aula, é tempo de avaliar a boa integração da criança na vida escolar. Algumas vezes, os menorzinhos estranham a volta às aulas depois de um período prolongado sem ir à escola, como está acontecendo agora, com a greve dos professores emendando nos feriados de Páscoa. Problemas de adaptação, no entanto, não são exclusivos dos meninos que acabam de ingressar no Jardim de Infância. Segundo a psicóloga Zilda Cotias Plomboni, Diretora da escola Dinamis, que atende em Botafogo do Maternal à 8ª série, eles podem surgir em qualquer período de escolaridade, afetando o desempenho até mesmo nas séries mais adiantadas do Primeiro Grau. Se a criança parece triste no Jardim de Infância, está se isolando na escola ou, ao contrário, está agressiva, chora muito e não está participando das atividades escolares, é hora de analisar as dificuldades que está enfrentando.

Se, cursando o Primeiro Grau, a criança apresenta alguma mudança de comportamento, mostrando-se menos responsável, mais relaxada com as suas coisas e deprimida, é preciso detectar as causas e ajudá-la a atingir uma reorganização interna, necessária para que se sinta mais segura, mais feliz e capaz de se adaptar às exigências escolares dentro das novas condições. Em qualquer dos casos, o mais importante para superar o problema é a boa relação da família com a escola.

Para a criança pequena que pela primeira vez vai à escola, o momento é

grave: ela começa a se separar da mãe e o medo de que esta não volte é a grande dificuldade a enfrentar "sozinha". Aos 3 ou 4 anos de idade, ainda não existem as defesas que o adulto já construiu para se ajudar. Se, decorridas as primeiras semanas de aula, ela ainda não se mostra mais confiante, demonstrando uma adaptação difícil, é preciso procurar as causas.

Muitas vezes o problema se encontra na própria mãe, ou até na babá, que não está preparada para vivenciar essa separação. Através de sua própria ansiedade, do medo de que a criança chore, ela acaba dando um sinal de que há algo a temer. Ou, ainda, ela pode sentir-se rejeitada se o filho enfrenta com facilidade a separação.

Há mães que ficam até frustradas com a adaptação imediata do filho — diz Adélia Carregal, Supervisora do Colégio Andrews, no Humaitá: — Elas previam uma dificuldade que não acontece. E para uma boa adaptação é preciso que a mãe se mostre tranqüila. Logo, é preciso um trabalho conjunto com a escola, que pode também ser a origem do problema.

Não se sentir bem na escola leva a criança a rejeitá-la e, em consequência, recusa-se a participar dos trabalhos, explica Adélia Carregal.

A professora, por exemplo, pode não ter conseguido estabelecer com ele uma situação de encontro, de empatia. E a criança pode identificá-la com alguma outra pessoa com a qual tenha tido um relacionamento desagradável, por exemplo. Ou pode estar se sentindo intimidada pelo tom de voz, o jeito de ser da professora.



Zilda Plomboni relata uma experiência desse tipo ocorrida na Dinamis: uma menininha de 3 anos de idade, que entrava para o Maternal, chorava muito diante da professora. Descobriu-se que ficava assustada diante do tamanho da "tia", moça de quase 1,80m. Em situações como esta, pode-se trabalhar com a criança para superar a barreira. Não sendo possível a curto prazo, é preciso mudá-la de sala, facilitar o relacionamento com todos ao redor.

Se esses fatores foram analisados e nada foi detectado, é possível que sejam as emoções próprias da criança que estejam interferindo. A perda de uma pessoa querida ou a separação recente entre os pais podem ter gerado emoções que permaneceram repressadas e que a nova situação vem deflagrar. Ou se o menino ou menina tem dificuldade em se relacionar com os outros, pode estar aí a dificuldade de se integrar.

No caso de crianças maiores, que já passaram por todo esse processo e o resolveram a seu tempo, novas situações da vida escolar podem estar exigindo uma readaptação.

Cada fato novo que repita a situação de início vai reviver a mesma angústia por que a criança passou — explica Zilda Plomboni.

O exemplo mais forte dessa repetição é a mudança de escola, principalmente se a criança sai de uma escola pequena para outra de muitos alunos.

As escolas maiores têm normas mais rigorosas, pela necessidade da própria organização — explica Adélia Carregal: — Na escola menor a criança está acostumada a ser mais assistida, enquanto que em uma maior a atenção tem que ser dividida com mais crianças.

Mas nem só o tamanho dos colégios tem influência. O sistema da escola é o fator mais sério apontado por Zilda Plomboni: — o que a escola espera de uma criança, qual a orientação que dá, os valores que prioriza, o comportamento que exige, a disciplina, a forma de avaliação, tudo isso pode representar uma enorme mudança, mesmo quando o estudante sai de um colégio para outro do mesmo tamanho. É uma situação inteiramente nova, bem semelhante à do ingresso na vida escolar, e vai exigir readaptação.

Seja qual for a causa, se o seu filho está demonstrando sintomas de inadap-



tação, saiba como agir, pois a solução terá de vir pela ação combinada entre a casa e a escola.

O caminho sugerido por Zilda Plomboni compõe-se de três etapas:

- Procure compreender o processo pelo qual a criança está passando, o que ela está sentindo, o que significam para ela as circunstâncias que tem de enfrentar.

- Discuta com toda a família os porquês das dificuldades, a participação que a própria família tem nelas.

- Atue em conjunto com a escola, equacionando a melhor forma de atendimento à criança. Leve aos profissionais da instituição o problema que seu filho enfrenta, peça ajuda sempre que for necessário.

É fundamental que a família tenha uma participação mais afetiva na vida do filho, em vez de efetiva — declara Zilda: — Vejo hoje as famílias muito preocupadas em participar de forma efetiva, isto é, dando-lhe uma boa escola, propiciando o entrosamento com o grupo através dos modismos, como roupas com etiquetas da moda, procurando atender às necessidades físicas da criança, cuidando da sua segurança diante das ameaças da cidade grande. Mas o que é preciso ser desenvolvido é o respeito pelas necessidades afetivas da criança. Viver afetivamente é compreender cada momento que o filho está passando. E aceitá-lo como ele é.